

**CCB**

Cidade  
Aberta /



**Carta Branca a  
Mário Laginha**

JAZZ

# Carta Branca a Mário Laginha

Mário Laginha piano e composição

Julian Argüelles saxofones

Bernardo Moreira contrabaixo

Helge Norbakken percussão

Tcheka guitarra e voz

Alexandre Frazão bateria

6 outubro 2016

Grande Auditório / 21h / M/6

Produção: CCB

FOTOGRAFIA CAPA © CCB/FILAVIO PEREIRA



Uma carta-branca é sempre um desafio estimulante. E entusiasmante, sobretudo entusiasmante. É também a oportunidade de darmos corpo a ideias de projetos menos convencionais, talvez até improváveis. Quis juntar alguns dos músicos com quem tenho tido, ao longo dos anos, um enorme prazer em tocar, e assumir com eles a minha paixão pela música africana. Acho que dificilmente arranjaria melhor companhia. Julian Argüelles, nos saxofones, Helge Norbakken na percussão, Alexandre Frazão na bateria, Bernardo Moreira no contrabaixo, Tcheka na guitarra e voz e eu no piano e composição. Para mim é um grupo de sonho. Um grupo que, com músicos de cinco países, presta homenagem à universalidade da música. Vai ser difícil esperar pelo dia 6 de Outubro.

Mário Laginha

CCB CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO ELÍCIO SUMMAVIELLE PRESIDENTE / ISABEL CORDEIRO VOGAL / MIGUEL LEAL COELHO VOGAL / JOÃO CARÉ . LUISA INÉS FERNANDES . RICARDO CERQUEIRA SECRETARIADO / DIREÇÃO DE ESPETÁCULOS PROGRAMAÇÃO ANDRÉ CUNHA LEAL . FERNANDO LUIS SAMPAIO DEPARTAMENTO DE OPERAÇÕES / COORDENADORA PAULA FONSECA / PRODUÇÃO INÉS CORREIA . PATRÍCIA SILVA . HUGO CORTEZ . JOÃO LEMOS . SOFIA SANTOS / DIREÇÃO DE CENA PEDRO RODRIGUES . PATRÍCIA COSTA . JOSÉ VALÉRIO . TÂNIA AFONSO . CATARINA SILVA ESTAGIÁRIA / SECRETARIADO SOFIA MATOS / DEPARTAMENTO TÉCNICO . COORDENADOR SIAMANTO ISMAILY / CHEFE TÉCNICO DE PALCO RUI MARCELINO / CHEFE DE EQUIPA DE PALCO PEDRO CAMPOS / TÉCNICOS PRINCIPAIS LUIS SANTOS . RAUL SEGURO / TÉCNICOS EXECUTIVOS F. CÂNDIDO SANTOS . CÉSAR NUNES . JOSÉ CARLOS ALVES . HUGO CAMPOS . MÁRIO SILVA . RICARDO MELO . RUI CROCA . HUGO COCHAT . DANIEL ROSA / CHEFE TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS NUNO GRÁCIO / CHEFE DE EQUIPA DE AUDIOVISUAIS NUNO BIZARRO / TÉCNICOS DE AUDIOVISUAIS EDUARDO NASCIMENTO . PAULO CACHEIRO . NUNO RAMOS . MIGUEL NUNES / TÉCNICOS DE AUDIOVISUAIS / EVENTOS CARLOS MESTRINHO . RUI MARTINS / TÉCNICOS DE MANUTENÇÃO JOÃO SANTANA . LUIS TEIXEIRA . VÍTOR HORTA / SECRETARIADO DE DIREÇÃO TÉCNICA YOLANDA SEARA

PARCEIRO INSTITUCIONAL

PARCEIRO MEDIA  
TEMPORADA 2016

APOIO



# Carta com África dentro

Diante dos olhos tem um horizonte aberto, sempre teve. Costumam aliá-lo ao jazz, e o jazz é sangue que lhe corre nas veias, mas ele sempre se moveu e move para lá dele, ouviu rock na adolescência, aventurou-se na clássica, experimentou múltiplos caminhos da música popular. E agora, que lhe deram Carta Branca, pensou em África, numa certa ideia de África. Que não é aquela em que talvez estejam a pensar, de batuques e marimbas, mas algo mais transcendente. Algo que se insinuou desde há muito no gosto de Mário Laginha, pianista e compositor. Porque a primeira Carta Branca a que teve de responder foi a que lhe estendeu a vida. Onde nunca se viu a dissociar a arte do estudo, do empenho, do trabalho contínuo, do aperfeiçoamento. Se “chorava por um piano” aos 5 anos, como ele disse em 1991 numa entrevista a Ana Paula Dias, e se na sequência desse desejo teve aulas e aprendeu a dominar as teclas, também soube trocá-lo depois pela guitarra, voltando ao piano aos 18 anos para nele se fixar. Porém, como também disse nessa entrevista, a “paixão violenta” pelo piano acabou suplantada por outra: “A única coisa que eu sinto que me acompanha – a loucura total – é a música, mas num sentido muito mais lato.” Por isso, quando o descrevem, elogiosamente, como “um dos mais prestigiados músicos de jazz portugueses com uma carreira internacional” (como faz Manuel Jorge Veloso na Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX), ele não o renega mas prefere o “sentido muito mais lato”. Sentido esse que o

tem feito dizer “sim” a projectos muito diferentes, que vê como desafios. E ele gosta de ser desafiado. “Gosto muito, muito. Na realidade, acho que descobri, fruto da primeira vez que fui confrontado com uma encomenda com parâmetros muito concretos, com tudo muito bem explicado, que conseguia lidar com isso.” Essa primeira encomenda chegou-lhe em 1998 da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, através de António Hespanha, que convidou Mário Laginha e a cantora Maria João (que já trabalhavam juntos em gravações e concertos) a fazerem um disco para a celebração dos 500 anos da descoberta do caminho marítimo para a Índia. Teriam, para isso, de passar duas ou três semanas na Índia e outras tantas em Moçambique, que era o lado de África banhado pelo Índico. Aceitaram e foi uma revelação. “Nós fomos e percebemos que funcionava. Porque uma coisa é ouvir discos, onde se tem como exclusiva influência a música; outra, é a vida como fonte directa de inspiração. Podemos pensar que nos estão a pôr palas ou a abrir uma porta que nunca íamos abrir. E na realidade foi o que fizeram. De repente estou a experimentar coisas que não iria experimentar.” Assim surgiu o disco Cor (1998). E depois a Comissão quis ouvir a leitura que eles fariam do Brasil. E nasceu Chorinho Feliz (2000). Para Mário Laginha, as encomendas ou desafios estavam ainda no início. Viriam depois Grândolas, Abril a Quatro Mãos, com Bernardo Sasseti (este em 2004, a convite de Ruben de Carvalho, para celebrar os 30 anos do 25 de Abril – e logo Mário Laginha, que nasceu num 25 de Abril, em Lisboa, no ano de 1960); Espaço, disco e concerto (2007, a convite da Trienal de Arquitectura); Trago Fado nos Sentidos, também com Bernardo Sasseti (para

assinalar na Casa da Música os 10 anos da morte de Amália, em 2009); ou a Biblioteca dos Músicos, no CCB, em Novembro de 2015, em torno da Saramago e Pessoa. “Comprometi-me a fazer um tema a pensar em Pessoa [Desassossego], outro em Saramago [Jangada de Pedra], e depois agarrei em música minha e liguei-a a livros de que gostei. E pensei em ler excertos desses livros antes de tocar os temas. Li, correu bem, as pessoas gostaram.” Tudo isto convites com mote. Até chegar à Carta Branca de agora, com que o CCB o desafiou para um concerto original em 2016. “À partida exige mais de mim”, diz Mário, “porque sou eu a decidir. Uma Carta Branca é, de certa forma, uma prova de confiança. Se alguém me dá carta branca é porque acredita em mim. É porque acha que nós já fizemos o suficiente para merecer uma carta branca. É muito honroso. Depois, vem o lado da responsabilidade: não desiludir quem me desafiou. O que cria uma responsabilidade acrescida. Porque a tentação é querer apresentar tudo, e isso felizmente já aprendi: não se pode, nunca, querer mostrar tudo.” Mário Laginha é o nono convidado destas cartas brancas lançadas pelo CCB e que começaram em 2008 com Jorge Palma, prosseguindo nos anos seguintes com Camané (2009), Fausto Bordalo Dias (2010), Carlos Tê (2011), J.P. Simões (2012), Sérgio Godinho (2013), Manuela Azevedo (2014) e Kalaf Epalanga (2015). Cartas passadas, que moveram os seus moinhos. Agora chegou a vez dele. Com uma certa ideia de África. E uma coisa que o preocupa sobremaneira: a autenticidade. “Eu tenho uma posição em relação às fusões e misturas que pode parecer paradoxal ou contraditória. Acho que a contaminação cultural alimenta a diversidade, e isso atrai-me imenso,

a arte tem evoluído assim. Veja-se o Ravel: estava todo contente a fazer as suas coisas impressionistas, ouviu o Gershwin, de repente seguiu outro rumo e saíram coisas maravilhosas. Com a internet passou a ser tão fácil, que muita gente diz ‘vamos lá misturar isto com aquilo’, mas na maioria dos casos não se escava fundo, não se passa da rama. E isso é das coisas que mais me irrita. Prefiro uma coisa originalmente má, mas que é aquilo, do que uma coisa a fingir que é outra.”

Explicando melhor: “Quando se fazem estas misturas, agora um bocadinho de jazz e um pozinho de África, ou isso flui naturalmente e vai mais fundo ou não tem graça nem sentido. Eu pelo menos tento. E, de mim, as pessoas podem contar com uma coisa: gosto de ‘perder’ tempo e de me sentir desafiado pela música e pelo modo como estou a trabalhar. Pode correr melhor ou pior, mas não faço nada pela rama. Vou, experimento, arrisco. Gosto muito de arriscar.” A simples ideia de poder correr mal não o assusta nada, diz Mário. “Porque pelo menos experimentei.” Quando se confrontou com o desafio de responder a esta Carta Branca, Mário Laginha passou em revista a sua carreira, os seus espectáculos, os seus discos. Isto para ver, entre tantos nomes possíveis, quem convidaria para o que tinha em mente. “Comecei a pensar nos músicos que me acompanharam ao longo da vida, aqueles com quem sempre adorei e continuo a adorar tocar.” Ora abrimos o libreto do primeiro disco que ele gravou em nome próprio, Hoje (Farol, 1994), e só na foto a preto e branco do interior estão quatro que agora se juntarão em palco: ele próprio, Julian Arguëlles, Alexandre Frazão e Bernardo Moreira. “E há um percussionista norueguês com quem, ao longo dos anos, trabalhei várias vezes,

que é o Helge Norbakken. Participou em seis discos com a Maria João.” A primeira vez que o ouviu foi na Alemanha, num festival de jazz onde Mário tocava no dia seguinte. “Ele estava a acompanhar uma cantora norueguesa incrível, lapã, que se chama Mari Boine. E tinha uma bateria que não era bem uma bateria, porque o bombo estava virado para cima e ele tocava-o com as mãos. Nunca tinha ouvido nada assim: alguém que, apesar de estar na área do jazz, não tem medo de ficar a tocar um blues durante bastante tempo.” Mário teve com ele uma empatia imensa, mas não falaram logo. Meses depois, Mário e Maria João tinham um concerto em Hamburgo e o percussionista com quem tocariam (argentino) não estava disponível para essa data. Então ele lembrou-se de Helge, conseguiram o telefone dele e, incrivelmente, ele estava disponível. Enviaram-lhe as músicas e o resultado em palco foi surpreendente. “As músicas ficaram a soar melhor”. Desde aí, tocaram várias vezes juntos e Mário Laginha tocou também em projectos dele, fizeram nove concertos na Noruega. Até aqui já temos um quinteto. Mas falta falar do sexto elemento, uma peça fundamental e, para Mário, uma paixão musical recente: o cantor e compositor cabo-verdiano Tcheka. “Quando eu era adolescente, comecei a ouvir música africana, já nem sei bem porquê. Ia à Buchholz comprar discos de recolha, das tribos, que eu adorava porque sentia ali uma simplicidade melódica que nunca é kitsch, que soa sempre com peso, com solenidade. E acho que o Tcheka consegue isso. Pode fazer melodias simples, mas nunca são kitsch, são lindas. E é muito sofisticado a tocar.” Na cabeça de Mário está um concerto com “tudo original”, músicas e canções (umas

com letra, outras com vocalizos ou apenas instrumentais) feitas propositadamente para esta noite. Tudo, com talvez uma ou duas excepções: “Há dois temas do Tcheka que têm de ser tocados, porque não posso passar sem eles. Um deles chama-se Rozadi rezadu. Quando o ouvi, chorei. Achei que não era possível uma coisa assim. É tão bonito...” Tcheka cantará também canções de Laginha, novas, claro. “Na minha cabeça, este é um concerto virado para a ideia de África. Vindo de alguém que sempre teve um fascínio pela música africana e que foi – com a Maria João, aliás – trazendo essa influência para alguns temas. Por isso apeteceu-me muito convidar o Tcheka. Outra coisa que me ocorreria, sendo uma coisa de vida, seria convidar a Maria João. Mas eu com a Maria João fiz tudo, muitos projectos diferentes [já gravaram 13 discos!], seria mais um.” O sexteto com a formação descrita, Tcheka incluído, tem bateria, percussão, contrabaixo, saxofone, piano, guitarra e voz. “É um sexteto mesmo, não quero que tenha uma hierarquia. E estarão todos sempre em palco.” O que se ouvirá, há-de brotar da inspiração de Mário Laginha e dos restantes músicos, numa química que combinará várias influências. “Uma das coisas que quero, vamos a ver se consigo, é não ter medo de algumas das canções serem harmonicamente mais simples. E de fazer isso com o peso suficiente para que me dê luta. Podem ser apenas quatro acordes, mas têm mesmo de ser aqueles os acordes certos.” E muita coisa lhe ferve na alma. “Às vezes não é só África, é também Portugal. E o jazz acaba por entrar sempre. Mesmo no modo como ritmicamente são trabalhadas as músicas, ou no improvisado, isso não seria possível sem a bagagem que me deu o jazz. A clássica? Isso vai dar sempre àquilo

que eu sou, acho que sim. Tenho um certo fascínio por um tipo de frequência harmónica, como o retardo, que vem do Händel e do Bach. Nos clássicos, há uns que me influenciaram mais do que outros. Se calhar Bach e Prokofiev são os mais importantes. Porque estudei ambos embevecido e entusiasmado, a ver o que se estava ali a passar. Mas também Stravinski, Bartók, Brahms, Mozart, Chopin...” Na entrevista citada no início deste texto, um Mário Laginha que ainda não gravara o seu disco de estreia a solo dizia: “Ando à procura daquilo que sinto. Dar-me-á muito prazer se houver muita gente que me compreenda. Ninguém gosta de se sentir incompreendido, a não ser para criar um mito qualquer!” Estava certo: mesmo que em cada nova experiência musical procure ainda o que sente, não é de modo algum um músico incompreendido. Pois já muitos milhares o admiram, dentro ou fora de fronteiras, retribuindo-lhe em aplausos o prazer que a sua música lhes dá.

Nuno Pacheco

Jornalista

POR VONTADE EXPRESSA DO AUTOR, ESTE TEXTO NÃO RESPEITA O ACORDO ORTOGRÁFICO DE 1990

## MÁRIO LAGINHA

PIANO E COMPOSIÇÃO

Com uma carreira que leva já mais de duas décadas, Mário Laginha é habitualmente conotado com o mundo do jazz. Mas se é verdade que os primórdios do seu percurso têm um cunho predominantemente jazzístico – foi um dos fundadores do Sexteto de Jazz de Lisboa (1984), criou o decateto Mário Laginha (1987) e lidera ainda hoje um trio com o seu nome –, o universo musical que construiu com a cantora Maria João é um tributo às músicas que sempre o tocaram, a começar pelo jazz e passando pelas sonoridades brasileiras, indianas, africanas, pela pop e o rock, sem esquecer as bases clássicas que presidiram à sua formação académica e que acabariam por ditar o seu primeiro e tardio projeto a solo, inspirado em Bach (Canções e Fugas, de 2006).

Mário Laginha tem articulado uma forte personalidade musical com uma vontade imensa de partilhar a sua arte com outros músicos e criadores. Desde logo, com Maria João, de que resultou um dos projetos mais consistentes e originais da música portuguesa, com mais de uma dezena de discos e muitas centenas de concertos em salas e festivais um pouco por todo o mundo (festivais de Jazz de Montreux, do Mar do Norte, de San Sebastian, de Montreal...).

Em finais da década de oitenta iniciou uma colaboração, que se mantém até hoje, com o pianista clássico Pedro Burmester, com quem gravaria um disco, e que seria alargada a Bernardo Sassetti em 2007 no projeto “3 pianos”, com a gravação de um CD e um DVD, além de uma dezena de concertos com fortíssima repercussão na crítica e no público. Até ao seu inesperado desaparecimento, Bernardo Sassetti foi, de resto, um parceiro e cúmplice de Mário Laginha em muitas dezenas de concertos e em dois discos gravados, o último dos quais

dedicado à música de José Afonso.

Com uma sólida formação clássica, Mário Laginha tem escrito para formações tão diversas como a Big Band da Rádio de Hamburgo, Big Band de Frankfurt, a Orquestra Filarmónica de Hannover, Orquestra Metropolitana de Lisboa, o Remix Ensemble da Casa da Música, o Drumming Grupo de Percussão e a Orquestra Sinfónica do Porto. E tem tocado, em palco ou em estúdio, com músicos excecionais como Wolfgang Muthspiel, Trilok Gurtu, Tcheka, Gilberto Gil, Lenine, Armando Marçal, Ralph Towner, Manu Katché, Dino Saluzzi, Kai Eckhardt, Julian Argüelles, Steve Argüelles, Howard Johnson ou Django Bates. Compõe também para cinema e teatro.

A obra mais recente do trio partilhado com Bernardo Moreira e Alexandre Frazão é “Mongrel”, um trabalho que partiu de temas originais de Chopin, transformados para a linguagem pessoal do pianista. “Iridescente”, gravado na Fundação Calouste Gulbenkian, é a sua última aventura musical com a cantora Maria João.

Colabora desde 2012 com o pianista brasileiro André Mehmani, tendo sido editado um disco em duo, gravado ao vivo, com música original de ambos, contando já com vários concertos no Brasil e em Portugal.

Em finais de 2013, Mário Laginha e o seu Novo Trio com o guitarrista Miguel Amaral e o contrabaixista Bernardo Moreira lançaram “Terra Seca”, um disco que desbrava novos caminhos para o jazz e a música portuguesa.

Em 2016 foi convidado pela Orquestra Gulbenkian para uma tournée, onde interpretou o concerto que escreveu para piano e Orquestra. Também em 2016, retomou a colaboração com o pianista Pedro Burmester, com quem tem participado nalguns dos mais importantes Festivais de Música em Portugal e no estrangeiro.

## TCHEKA

GUITARRA E VOZ

É uma figura chave na música Cabo Verdiana. Nascido num canto remoto da Ilha de Santiago, criou um estilo único e requintado que é testemunha das influências globais que o músico abraçou

É impossível definir a sua essência: a sua música resiste a qualquer categorização ou comparação fácil. Embora tenha relações com múltiplos estilos de Cabo Verde (batuku, funaná, finason, tabanka, morna e coladera), a música de Tcheka é também um movimentado cruzamento de formas musicais caribenhas, brasileiras e africanas de raiz popular e tradicional, jazz, blues, rock, literatura, antropologia e cinema. Nunca é só Cabo Verdiana, e nunca é só música, mas é sempre cativante.

O seu muito antecipado quinto álbum, produzido pelo pianista e compositor Mário Laginha, é composto de peças a solo que evidenciam a sua inimitável mestria na guitarra e a sua voz inconfundível.

## BERNARDO MOREIRA

CONTRABAIXO

Iniciou os seus estudos musicais aos 16 anos de idade, na Academia de Amadores de Música. Na década de 80 tocou em vários clubes de jazz em Portugal e no estrangeiro com músicos como Eddie Henderson, Norman Simmons, Al Grey, entre outros.

Toca regularmente em Portugal, Espanha, França, Moçambique, África do Sul, Bélgica, Luxemburgo e Inglaterra.

Em 1993 realizou uma Tournée pelos EUA com Moreiras Jazz Quintet, juntamente com o vibrafonista Steve Nelson. Também neste ano participou em concertos com Norma Winstone e Conrad Herwig com vários concertos em Espanha.

No final dos anos 90 realizou digressões com vários projetos na Dinamarca, Espanha, Itália, Bulgária, Angola, Alemanha, Costa do Marfim e Açores.

Com o Duo Maria João e Mário Laginha, gravou o disco “Chocolate” em 2008.

Integra o Trio de Mário Laginha (piano) e Alexandre Frazão (bateria), uma formação que dura já à mais e uma década, com quem toca regularmente um pouco por todo o mundo e com quem gravou os álbuns “Espaço” em 2007 e “Mon-grel”, em 2010.

Com o grupo da fadista Cristina Branco, gravou os álbuns “Abril”, “Fado / Tango” e as faixas bônus da coletânea “idealist”.

No final de 2013, juntamente com Mário Laginha e o guitarrista Miguel Amaral, gravou o álbum de estreia do Mário Laginha Novo Trio “Terra Seca”

## JULIAN ARGÜELLES

SAXOFONES

Nasceu em Birmingham em 1966. Começou a sua carreira musical aos 14 anos, tocando com Big Bands, incluindo European Community Big Band, com quem fez uma digressão pela Europa. Em 1984 mudou-se para Londres, ingressando no Trinity College of Music, tendo de seguida sido convidado a integrar a prestigiada banda Loose Tubes, com quem permaneceu 4 anos. Quando a Loose Tubes se separou, Arguelles continuou a trabalhar com Django Bates, seu ex-parceiro da banda. Em 1986, foi-lhe atribuído o prestigioso prémio Pat Smythe para jovens músicos. Recebeu também vários prémios da BBC. Desde essa altura, não parou mais de tocar em diferentes projetos, envolvendo músicos de todo o mundo, incluindo Archie Shepp, Peter Erskine, Dave Holland, Steve Swallow, John Abercrombie, Chris Mcgregor, Hermeto Pascoal, John Scofield e Georgio Gaslini. Trabalha ainda, por toda a Europa, com Django Bates, Kenny Wheeler, Mike Gibbs, Carla Bley, Mário Laginha (em várias formações) e com o seu irmão Steve, entre muitos outros.

Fiel ao seu compromisso para com o ensino, tem sido convidado para dar aulas nas mais variadas escolas, tais como a Royal Academy of Music, Guildhall School of Music and Drama, Glamorgan Jazz School, Escolas de Verão de Edimburgo e Manchester e o Royal Conservatory, em Haia. A Northern School of Music ofereceu-lhe o primeiro lugar de músico de Jazz associado e, atualmente, o seu Octeto é o ensemble residente da Universidade de Iorque. Tem recebido comissões e encomendas das mais variadas formações de jazz europeias, como a Berkshire Youth Jazz Orchestra, Walsall Youth Jazz Orchestra, The Fenland Youth Symphony Orchestra, NDR (North German Radio Big Band), Scottish National Jazz Orchestra e para a Royal Academy Of Music.

O principal interesse e objetivo de Julian Arguelles continua a ser escrever e tocar com as suas próprias bandas. Editou sete CD como líder com os quais ganhou vários prémios, incluindo dois CD em octeto com Django Bates e Mário Laginha; dois CD em quarteto com Steve Swallow e John Taylor; um CD em duo com o seu irmão Steve e um CD intitulado “As above so below” gravado com uma orquestra de câmara e com Mike Walker, Steve Watts e Martin France na secção rítmica.

## HELGE NORBAKKEN

PERCUSSÃO

Nasceu na Noruega em 1965. Em 1988 finalizou o curso de Jazz no Conservatório de Música de Trondheim e é hoje um dos mais reconhecidos percussionistas escandinavos.

Começou a apresentar-se nos palcos internacionais como parte da banda de Mari Boine, com quem gravou três álbuns, e continuou, internacionalmente, com artistas como Maria João e Mário Laginha, Jon Balke, Kari Brennes, Ayub Ogada, e muitos outros de prestígio internacional.

Norbakken desenvolveu um estilo de percussão original, baseado na pesquisa sonora, em instrumentos artesanais e em misturas originais de timbres. Os seus padrões multi-rítmicos fazem lembrar, ao mesmo tempo, os trabalhos de Steve Reich, Philip Glass e Doudou N'Dyaye Rose.

Tem colaborado com artistas como Siwan, Magnetic North Orchestra, Batagraf, Arve Henriksen, Becaye Aw, Jon Hassell, No Border Orchestra, Kjetil Bjerkestrand, Abendland, Trondheim Jazzorkester, Karl Seglem, Anne Wylie e Steinar Ofsdal. Participa em gravações e concertos com a dupla Maria João e Mário Laginha desde 1999, incluindo os álbuns Choro Feliz, Mumadji, Undercovers, Trilha, Chocolate e Iridescente. Participou também no álbum Follow The Songlines, com os cantores Maria João e David Linx, os compositores/pianistas Mário Laginha e Diederik Wissels, e a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música.

## ALEXANDRE FRAZÃO

BATERIA

É natural de Niterói, no Rio de Janeiro Brasil, mas veio para Portugal com 19 anos, onde se radicou desde 1987. Ainda no Brasil estudou no Conservatório em 1984. Frazão estudou ainda com Alan Dawson, Kenny Washington e Max Roach.

Em Portugal dedicou-se principalmente ao jazz e à música improvisada, tendo colaborado, entre outros com Maria João (cantora) e Mário Laginha, Bernardo Sasseti, Carlos Martins, Laurent Filipe, Rodrigo Gonçalves, Carlos Barretto, Ficções, Dave O'Higgins, Perico Sambeat, Jon Freeman, Mark Turner. Pela sua versatilidade, é frequentemente solicitado para gravar com músicos de outros idiomas musicais, tendo trabalhado, por exemplo, com Resistência (banda), Pedro Abrunhosa, Rui Veloso, Ala dos Namorados, Nuno Rebelo, Rão Kyao, Júlio Pereira, Joel Xavier e Tim-Tim por Tim -Tum com Jim Black.

Tendo participado em muitos discos de outros artistas são, no entanto, importantes marcos da sua carreira os discos “Nocturno” de Bernardo Sasseti, “Filactera” de Mário Delgado, “Undercovers” de Maria João (cantora) e Mário Laginha, “Tempo” de Pedro Abrunhosa, e os dvds de Rui Veloso, “O Concerto Acústico”, e Ala dos Namorados, “Ao Vivo no S. Luiz”.

Com Mário Delgado e Sérgio Carolino fundou o Trio TGB (Tuba, Guitarra, Bateria) em 2002, que gravou o disco com o mesmo nome.

Com os diferentes grupos que integrou ou integra, tem feito vários concertos em Portugal e no estrangeiro, em França, Alemanha, Espanha, Brasil, China, Bélgica, Dinamarca e participado em inúmeros festivais, dos quais se destacam, por exemplo, Jazz em Agosto, Festival Europeu do Porto, Jazz em Serralves e Festival Internacional de Macau.

Atualmente, Alexandre Frazão participa no grupo Tim Tim por Tim Tum (grupo de baterias) e no grupo Led On, tributo aos Led Zeppelin, mantendo no entanto uma atividade regular com outros artistas e no jazz e noutras áreas musicais.

Alexandre Frazão é um músico multifacetado, que se expressa tanto nos vários idiomas jazz, como noutros estilos de música, da música pop ao rock, ou da música tradicional portuguesa a estilos experimentalistas, entre outros, recorrendo de modo inventivo a vários recursos da bateria, para se expressar com uma conceção muito elástica de ritmo e textura.



11 outubro 2016

Grande Auditório / 21h / M/6

Produção CCB

A SEGUIR

# Jan Garbarek Group

Jan Garbarek saxofone  
Rainer Brüninghaus piano  
Yuri Daniel baixo  
Trilok Gurtu percussão

**CONCERTO INTEGRADO NA CELEBRAÇÃO  
DO PROGRAMA DE RÁDIO DE JOSÉ DUARTE  
"CINCO MINUTOS DE JAZZ"**

#### OUTROS DESCONTOS

- 25% desconto até aos 30 anos e depois dos 65 anos
- Desconto até 30% com o Cartão Amigo CCB (e lugar gratuito no estacionamento)
- Não se esqueça do bilhete a 5€ para músicos e estudantes de música (quota limitada)
- Lembre-se que no Mercado CCB, no 1º Domingo de cada mês, os concertos CCB têm 30% de desconto

Ninguém toca saxofone como Jan Garbarek. O seu estilo tornou-se numa inconfundível imagem de marca e, nos últimos anos, atingiu uma dimensão para além do que é geralmente entendido como jazz. Inúmeros discos lançados, concertos nas mais prestigiadas salas de espetáculos em todo o mundo, a colaboração de vários anos com Keith Jarrett, ou o seu trabalho inédito com o Hilliard Ensemble, tornaram este brilhante saxofonista popular em todos os géneros e fronteiras musicais.

Muitos críticos criam rótulos e agrupam os artistas em categorias musicais mas Garbarek contornou esta tendência. O seu trabalho passa pelo Jazz, pela Música Clássica e pelas tabelas da Música Pop. É um dos representantes com mais sucesso da ECM, a editora de culto de Munique.

A música não se limita ao som. Nas suas composições e improvisações, Jan Garbarek é um mestre de melodias inacreditáveis que nos tocam diretamente na alma. Lugares sonoros abrangentes que se estendem da tranquilidade absoluta à euforia explícita, irradiando uma surpreendente sensação de paz que, no entanto, não permite momentos de monotonia. Os seus concertos desenvolvem-se de uma forma profundamente orgânica, criando um vasto conjunto de tensões crescentes. A sua música respira e cria espaço para respirar: é simples e complexa, divertida e séria, introspetiva e excepcionalmente exposta, intensa em vez de sentimental. Um concerto que nos guia por diferentes atmosferas e densidades e por ambientes sonoros que abrem espaço entre as nossas mais profundas e íntimas sensações.

#### SIGA-NOS



#cbelem  
#amigoccb



## UMA BOA IDEIA

FORMULÁRIO/INSCRIÇÃO ONLINE EM [WWW.CCB.PT](http://WWW.CCB.PT)